



() CTS () CA () EAM () ENF (X) EAP () EX () FP () HFS () IDD () LEQ () MD () PEQ () TIC

Relato de experiência: práticas de estudo e aprendizagem para estudantes da educação básica

Caio Fillipe de Souza Silva (IC)

IF Baiano - Campus Catu, caiocfillipe@gmail.com

Ariel Devid de Jesus Araujo (IC)

IF Baiano - Campus Catu, arieldevid02@gmail.com

Mirna Ribeiro Lima da Silva (PQ)

IF Baiano - Campus Catu, mirna.ribeiro@ifbaiano.edu.br

Resumo

Neste trabalho relatamos atividades desenvolvidas em um projeto de extensão com estudantes do Ensino Médio de uma escola da rede estadual da cidade de Catu-BA entre os anos 2024 e 2025, tendo por objetivo geral promover práticas de estudo e reflexões sobre a própria aprendizagem junto a estudantes da educação básica, utilizando uma abordagem dialógica e contextualizada. A relevância do trabalho se justifica por diversos motivos, tais como, por buscar uma intervenção frente a indicadores educacionais brasileiros que apontam para problemas de aprendizagem entre estudantes da educação básica, por tentar contribuir para a qualificação da educação básica e incentivar a popularização do conhecimento científico e, ainda, por possibilitar a ampliação da formação dos estudantes extensionistas, que são jovens licenciandos, futuros professores. Temos como principais fundamentos teóricos a abordagem de Paulo Freire e da Política Nacional de Extensão Universitária para contextualizar a extensão, compreendendo o público atendido como participantes ativos, que também intervêm e criam o processo educativo de modo relacional; a compreensão de Lev Vygotsky, Ana M. Bock, Furtado e Teixeira, bem como, de Anna Maria P. de Carvalho, dentre outros, sobre o desenvolvimento cognitivo e o caráter interativo da aprendizagem; as análises de Richard Felder e seus colaboradores sobre os estilos de aprendizagem, como elementos a serem considerados nos processos de organização pessoal para os estudos; e, ainda, as pesquisas de Ana R. Alves e Daniele S. Ferreira e de Barbara Oakley sobre práticas e técnicas de estudos que melhor apoiam a aprendizagem. A metodologia contemplou momentos de estudos e formação dos estudantes extensionistas, de diálogo e interação com a comunidade e de formação de estudantes da educação básica sobre a temática. Destacamos, neste trabalho, duas atividades realizadas na escola, a saber, a organização do estande “Divirta-se Aprendendo!” durante uma feira de ciências e o desenvolvimento de sessões de monitoria, com oficinas voltadas às técnicas e práticas de estudo que podem melhorar a aprendizagem. O projeto teve como principais resultados a criação de um processo formativo contextualizado tanto para os

estudantes da educação básica quanto para os extensionistas, o qual apresenta potencial para ser sistematizado e constituir um produto educacional que possa inspirar intervenções neste campo junto a outros públicos da educação básica.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Ensino Médio. Estilos de Aprendizagem.

Introdução

O Projeto de Extensão “Práticas de estudo e aprendizagem para estudantes da educação básica” foi implementado no período de agosto de 2024 a julho de 2025, com o apoio do Edital de Extensão nº 61/2024 / PROEX / CPPEX / IF BAIANO – PIBIEX Superior. Teve como objetivo geral promover práticas de estudo e reflexões sobre a própria aprendizagem junto a estudantes da educação básica, utilizando uma abordagem dialógica e contextualizada das técnicas e conceitos da Psicologia da Educação.

Durante a formação como licenciandos e em vivências escolares anteriores, os autores desta proposta identificaram que muitos estudantes chegam ao final da educação básica com dificuldades significativas em leitura, interpretação e resolução de problemas, cenário confirmado pelos dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). De acordo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em 2021, a média nacional do Ideb foi de 5,8 para o ensino fundamental (anos iniciais), 4,5 para os anos finais e 3,7 para o ensino médio (BRASIL, 2022), todas abaixo das metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação (PNE).

Assim, a problemática que orienta esta proposta coloca como questão central: Como a Psicologia da Educação, de forma interdisciplinar, pode auxiliar os estudantes da educação básica a se orientarem em seus estudos e aprendizagem?

Esse contexto impulsionou a busca por estratégias de estudo mais eficazes, com base em experiências próprias e em estudos como o de Oakley (2018), que explora técnicas como o método Pomodoro e o método de Feynman, aliando neurociência à prática cotidiana da aprendizagem. Como defende essa autora, “a repetição espaçada e o foco intencional estão entre os recursos mais poderosos para transformar conhecimento passivo em aprendizado duradouro” (OAKLEY, 2018, p. 113).

Além disso, foi utilizado o modelo de estilos de aprendizagem de Felder e Silverman (1988), que considera as preferências individuais dos estudantes — como ativo vs. reflexivo, visual vs. verbal — e orienta a aplicação de métodos compatíveis com essas características. A identificação desses estilos foi feita por meio do questionário *Index of Learning Styles* (ILS), cujos resultados serviram de base para a construção das atividades com os estudantes.

A proposta se fundamenta em estudos consolidados sobre aprendizagem, dos campos da Psicologia e da Educação. A abordagem dialógica adotada compreende que a educação se constrói na troca entre sujeitos que aprendem juntos. Como afirma Freire (1996, p. 47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção”, nesse sentido, valorizamos o protagonismo e os saberes dos estudantes.

A Psicologia Histórico-Cultural, representada por Vygotsky (2001), também sustenta a proposta ao destacar que o desenvolvimento cognitivo se dá em interação com o outro, mediado pela linguagem e pelos instrumentos culturais. Segundo esse autor, “toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro no nível social e depois no nível individual” (VYGOTSKY, 2001, p. 97). Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 80) complementam essa visão ao afirmarem que “o conhecimento é uma construção que ocorre na relação entre o sujeito e o mundo em que vive”.

Como detalhamos a seguir, as atividades realizadas incluíram revisão teórica, rodas de conversa, aplicação de questionários, oficinas temáticas e, como culminância, uma oficina aberta à comunidade. As práticas buscaram ampliar a autonomia dos estudantes, fortalecer sua identidade estudantil e promover experiências significativas de aprendizagem.

Metodologia

Metodologicamente, entendemos que a experiência fornece ao sujeito recursos para compreensão das relações entre ideias (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008). Também entendemos, com Vygotsky (2001), que o desenvolvimento humano não é estático, mas sim um processo de transformação do sujeito à medida que recebe influência externa ao longo do tempo.

Para fundamentar a nossa prática extensionista, aprofundamos diversos estudos. Inicialmente, sobre a ética na extensão, especialmente a partir da obra “Extensão ou comunicação?”, de Paulo Freire (1983). Também realizamos estudos sobre a temática afim ao projeto, como os trabalhos de Bock, Furtado e Teixeira (2008), Brandão (2002), Coon (2006), Schmitt e Domingues (2016), Amthor (2017), Carvalho (2017), Alves e Ferreira (2023), entre outros, objetivando a preparação de um plano de ação junto à comunidade.

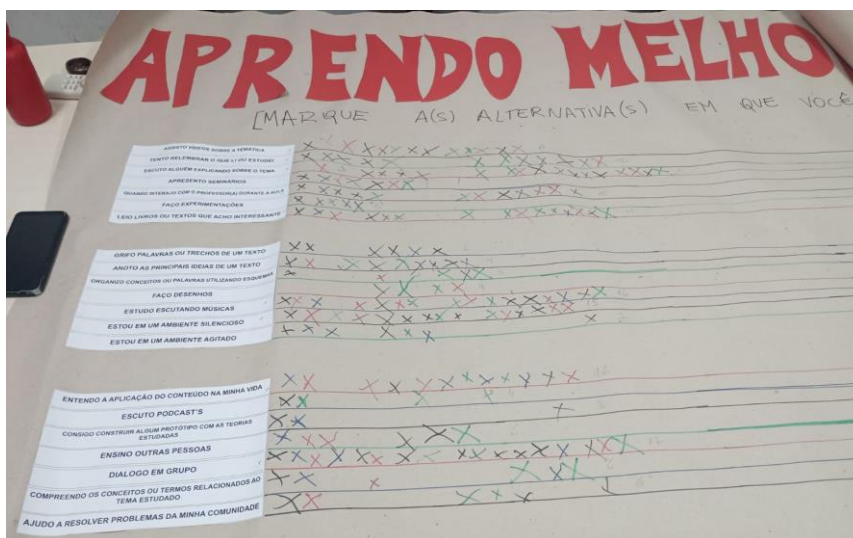
A prática extensionista foi realizada com estudantes do Ensino Médio de uma escola da rede estadual da cidade de Catu-BA. Nesta instituição, realizamos atividades de integração com a comunidade escolar, através de uma oficina na Feira de Ciência e Cultura (Feccult), no ano de 2024 e de sessões de monitoria no ano de 2025.

Com base nas reflexões de Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 137), para quem “a preocupação do ensino tem sido a de criar condições para que o aluno ‘fique a fim’ de aprender”, organizamos o estande “Divirta-se Aprendendo!” durante a Feccult, com atividades visando ao autoconhecimento e práticas aprimoradas de estudo. Podemos relacionar os materiais e experiências disponibilizados durante a Feccult como parte de um processo de autoavaliação do indivíduo quanto a sua identidade como estudante, valorizando as experiências individuais e, também, práticas coletivas de aprendizagem.

O estande continha três abordagens. Inicialmente os discentes eram conduzidos a preencher os painéis “Sou estudante porquê...” e “Aprendo melhor quando ...” e, após isso, formavam-se duas equipes, que competiam na trilha da aprendizagem.

A primeira atividade, denominada “Sou estudante porquê...”, buscava levar o indivíduo a refletir sobre o que o motiva a assumir o papel de estudante e consistia em um painel ilustrado como uma nuvem de pensamentos, no qual os estudantes deveriam preencher fichas autoadesivas completando a frase que intitula o painel e colá-las na nuvem. A segunda, “Aprendo melhor quando ...”, propôs identificar quais práticas de estudo melhor se adequavam ao perfil dos estudantes; nesse painel os estudantes assinalaram quais frases identificam a forma como eles se sentiam melhor estudando (Figura 1).

Figura 1 - Painel “Aprendo melhor quando...”



Fonte: Os autores (2025).

A última abordagem, a “trilha da aprendizagem”, orientava os estudantes na aplicação dos conhecimentos que já haviam aprendido. Assim, em grupos, os estudantes deveriam responder a desafios lógico-matemáticos e questões de outros conhecimentos escolares. A equipe que completasse a trilha primeiro vencia o jogo.

As sessões de monitoria, aqui também chamadas de oficinas, ocorreram nos meses de abril a junho de 2025, às terças-feiras à tarde, conforme a disponibilidade e autorização da instituição, com base em um plano previamente elaborado pela equipe do projeto.

Pensamos em uma abordagem que atendesse aos seguintes critérios: desenvolver uma prática extensionista com base na ética; aprofundar conhecimentos teóricos sobre a temática; engajar a comunidade escolar; e vivenciar e divulgar práticas de estudo e aprendizagem.

Cada oficina / sessão de monitoria abordou um tema principal, que resume o percurso de formação realizado, a saber: 1 - O que é ser um(a) estudante?; 2 - Como nós aprendemos?; 3 - Identificando os estilos de aprendizagem; 4 - Como podemos nos organizar para estudar?; 5 - Técnicas de Leitura e estudo, dos mapas mentais ao método de Feynman.

Durante as sessões de monitoria utilizamos materiais didáticos produzidos pela equipe do projeto que provocavam os estudantes a diversas formas de atuação, como cartazes, jogos, esquemas, cartões, entre outros.

No primeiro encontro de monitoria discutimos o tema: “O que é ser um(a) estudante?”, com o objetivo de promover reflexões sobre o significado de ser estudante, suas responsabilidades, desafios e oportunidades no processo de aprendizagem. Para isso, sugerimos a elaboração de cartazes, pelos(as) estudantes, que descrevessem o significado de estudar e suas opiniões sobre como e onde seria melhor estudar.

Nas segunda e terceira sessões promovemos um diálogo sobre “Como nós aprendemos?” e a partir disso apresentamos um mapa conceitual que descreve os estilos de aprendizagem, segundo Felder e Solomon (2016). Nessa abordagem, os estilos de aprendizagem são definidos com base no percentual de identificação com um dos extremos: ativo ou reflexivo, visual ou verbal, sequencial ou global e sensorial ou intuitivo.

Assim, como parte do processo de avaliação, propusemos que criassem uma encenação dos estilos de aprendizagem no cotidiano. Além disso, foi entregue aos participantes um Inventário de Estilos de Aprendizagem (ILS), um formulário com 44 perguntas, tendo duas opções de resposta, relacionadas aos extremos definidos por Felder e Solomon (2016), para que pudessem identificar seus estilos de aprendizagem, potencialidades e pontos de melhoria. Após o preenchimento dos formulários, tratamos as respostas com foco em identificar um perfil de aprendizagem para a turma monitorada. Organizamos os dados em um gráfico de barras para facilitar a análise das informações.

No quarto encontro, o foco foi a organização do ambiente para os estudos e o uso de técnicas de controle do tempo e de síntese de informações. Tendo como referência o “Manual de organização pessoal e técnicas de estudo”, de Alves e Ferreira (2023), realizamos uma

dinâmica de reflexão sobre a organização e, após, orientamos os(as) estudantes na elaboração de resumos com o apoio da técnica Pomodoro.

Por fim, na última sessão, a proposta foi conhecer as técnicas de leitura e estudo, tendo como ferramentas o uso de mapas mentais e do método Feynman. Para isso, utilizamos também uma dinâmica sobre o uso de análises descritivas de imagens, sem revelar o nome do objeto ilustrado. Isso, para promover um diálogo sobre a habilidade de explicar um assunto de modo simples e significativo.

Por fim, a proposta culminou na divulgação das práticas de estudo e aprendizagem desenvolvidas no projeto, através da oficina “O poder da aprendizagem”, realizada no IF Baiano *campus* Catu. Durante a oficina os participantes vivenciaram momentos de diálogo e produção de materiais, desde compreender o ato de estudar, passando pelo autoconhecimento sobre os estilos de aprendizagem, até o uso dos métodos de estudo.

Resultados e Discussões

A realização do projeto permitiu o desenvolvimento de uma prática extensionista ancorada na ética, na escuta ativa e no compromisso com a realidade dos sujeitos envolvidos, com potencial para ser replicado em outros espaços educativos e junto a outros públicos.

Fundamentada nos princípios da extensão universitária, a proposta compreendeu que o conhecimento não é transmitido de forma vertical, mas construído coletivamente entre comunidade e instituição. Como destaca Freire (1996, p. 88), “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”, o que reforça a importância da troca horizontal de experiências e saberes no campo educativo. Essa perspectiva reforça a concepção de que a extensão, quando pautada no diálogo, é capaz de construir pontes entre o saber científico e os saberes populares, fortalecendo o caráter social da educação (BRASIL, 2018).

As oficinas desenvolvidas no projeto tiveram como base uma metodologia participativa e sensível à diversidade dos estilos de aprendizagem dos estudantes, identificados previamente por meio do questionário IL de Felder e Silverman (1988).

As respostas dos/das estudantes participantes apontam para uma predominância dos estilos “sensorial, visual e ativo”, enquanto os extremos “sequencial e global” coexistem igualmente na turma. Isso significa dizer que a turma prefere práticas de estudo que interajam com os seus cinco sentidos básicos (paladar, olfato, tato, audição e visão), ou ainda, que forneçam informações mais concretas e aplicáveis.

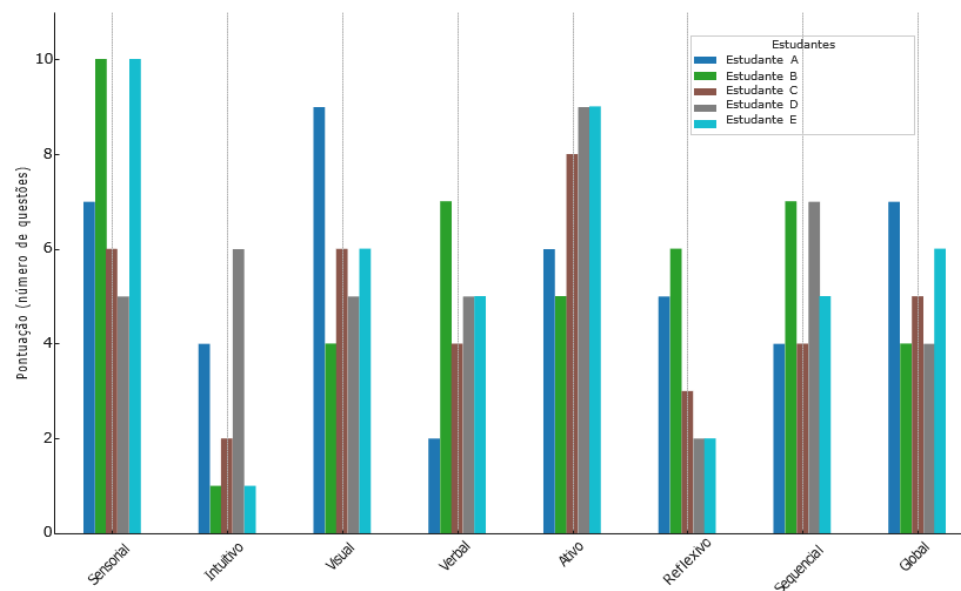
Além disso, há preferência por materiais mais visuais (gráficos, imagens, mapas mentais, etc.) e por aprender com atividades que envolvam o aprendizado ativo

(experimentação, construção, etc.), o que se conhece por “aprender fazendo”. Já com relação aos extremos “sequencial e global”, percebe-se que os estudantes intercalam entre os dois. Isso demonstra que eles conseguem, tanto, sistematizar o conhecimento em etapas, como, conectar conceitos e ideias aprendidos sem uma organização clara (Figura 2).

A partir desse diagnóstico, foi possível elaborar atividades que respeitassem, tanto o perfil geral da turma quanto as singularidades dos participantes, promovendo uma aprendizagem mais significativa e personalizada. Como reforça Libâneo (2013), o ensino eficaz considera as diferenças individuais dos estudantes como ponto de partida para a prática pedagógica e não como obstáculos. Essa adequação metodológica também dialoga com as propostas de Ausubel (2003), que defende que a aprendizagem só se torna significativa quando novos conhecimentos se relacionam com conceitos já existentes na estrutura cognitiva do estudante.

No entanto, nem sempre os espaços formais de educação favorecem um ensino pautado nos estilos de aprendizagem dos estudantes, quando priorizam práticas de ensino predominantemente verbais e intuitivas (utilizando poucos recursos visuais e aplicáveis),

Figura 2 - Resultados para o formulário ILS - Preferências de estilo de aprendizagem por dimensão



Fonte: Os autores (2025).

reflexivas (com base em abstrações e com pouca aplicação prática) e/ou com conteúdos organizados em sequência (dificultando, muitas vezes, o entendimento da intersecção entre eles). Como Delizoicov (2018) pontua, as escolas priorizam um currículo através da seleção de conteúdos de ensino e não com base em temas:

Em outros termos, os conhecimentos trabalhados na educação escolar são historicamente contextualizados e permitem interpretar o mundo físico e social e atuar sobre ele, que tem uma dinâmica de transformação realimentadora do processo de produção de conhecimento, de modo que também o transforme, sobretudo quando novidades (novos conhecimentos) são produzidas e apresentadas em teorias e modelos que alteram profundamente as interpretações já efetuadas do mundo físico e social. (Delizoicov, 2018, p. 143)

Esse desfavorecimento de metodologias pautadas em temáticas, que articulam as relações sociais, políticas, econômicas, com o conteúdo escolar, dificulta uma aprendizagem significativa por parte dos estudantes, já que não conseguem compreender a relação clara entre os conteúdos apresentados e a sua aplicação na realidade.

Além disso, a partir da análise dos painéis apresentados na Feccult, é possível identificar percepções valiosas sobre como os estudantes acreditam que aprendem melhor. Os resultados indicaram como opções mais frequentes: escutar alguém explicando sobre o tema, dialogar em grupo e estudar ouvindo música. Esses dados apontam que o diálogo em grupo é reconhecido como prática que potencializa a aprendizagem, pois possibilita a construção de novos sentidos a partir da perspectiva dos outros (Figura 3).

Trabalhar em equipes favorece a reflexão e a reformulação de ideias por meio de diferentes visões, conforme argumenta Oakley (2015). Essa prática também se relaciona

Figura 3 - Resposta dos estudantes para o painel "Aprendo melhor quando..."



Fonte: Os autores (2025).

diretamente ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) proposto por Vygotsky (2001), segundo o qual a aprendizagem se dá de forma mais ampla quando há interação social, reduzindo a distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial.

A escuta de música durante o estudo, mencionada pelos participantes, pode ser entendida como estratégia multimodal que mobiliza diferentes áreas do cérebro, favorecendo a concentração e a memorização. Rosário, Loureiro e Gomes (2021) indicam que, quando

utilizada de forma adequada, a música pode criar um ambiente favorável para o estudo, estimular estados emocionais positivos e potencializar a aprendizagem significativa.

Outras respostas, embora menos frequentes, também revelaram repertórios importantes para novas investigações, como: anotar ideias principais de um texto, apresentar seminários, ensinar a outras pessoas, realizar experimentos, criar esquemas e diagramas, escutar podcasts e construir protótipos. Todas essas práticas refletem elementos centrais das metodologias ativas, que colocam o estudante como protagonista de seu processo de aprendizagem (MORAN, 2015).

As técnicas de estudo aplicadas nas oficinas — como o método Pomodoro, os mapas mentais e o método Feynman — mostraram-se eficazes tanto para a organização do tempo quanto para a fixação de conteúdos. Segundo Oakley (2018, p. 67), “técnicas de aprendizagem ativa, como explicar conceitos com suas próprias palavras, ajudam a consolidar a memória de longo prazo e a desenvolver pensamento crítico”. Esse efeito foi observado nas atividades em que os estudantes foram incentivados a ensinar uns aos outros, apresentar conteúdos para a turma e elaborar materiais didáticos, como murais, resumos visuais e roteiros de estudo.

A culminância do projeto, com a oficina “O Poder da Aprendizagem”, evidenciou o impacto das ações junto à comunidade escolar, que respondeu com participação ativa, envolvimento efetivo e entusiasmo pelas práticas propostas. Essa oficina reforçou a potência de ações educativas que combinam ludicidade, metodologias ativas e escuta qualificada. Para Vygotsky (2001), atividades socialmente significativas e mediadas por interações entre pares e educadores têm maior potencial de promover aprendizagem duradoura.

A participação em eventos possibilitou a divulgação das ações realizadas no projeto e, também, o amadurecimento acadêmico e profissional dos extensionistas. Nessas ocasiões, os licenciandos vivenciaram a docência em espaços não formais, exercitando competências como planejamento, comunicação oral, mediação de conflitos e adaptação metodológica. Segundo Libâneo (2013), a prática docente requer constante reelaboração e o contato com diferentes públicos e contextos enriquece o repertório pedagógico do futuro professor.

As sessões de monitoria e os momentos de escuta com os estudantes da escola parceira foram igualmente relevantes. As rodas de conversa favoreceram a criação de vínculos pedagógicos e ampliaram a compreensão sobre as necessidades, interesses e expectativas dos estudantes. Como apontam Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 107), “a aprendizagem é uma construção ativa que ocorre na interação com o meio, exigindo do educador sensibilidade para perceber e atuar sobre as necessidades dos alunos”.

Em síntese, os resultados do projeto evidenciam que práticas de estudo planejadas de forma contextualizada, associadas à valorização da escuta e à adaptação metodológica, podem

transformar a experiência escolar para os estudantes da educação básica, ao mesmo tempo em que fortalecem a formação inicial e continuada dos docentes. Trata-se de um exemplo concreto de como a extensão universitária, quando articulada aos princípios freirianos de diálogo e respeito à realidade, pode assumir um papel transformador tanto para a comunidade atendida quanto para os próprios extensionistas.

Conclusão

A proposta extensionista demonstrou-se um instrumento valioso tanto para a formação inicial dos licenciandos e formação continuada da professora coordenadora, quanto para a qualificação das experiências de aprendizagem dos estudantes da educação básica. As atividades planejadas e executadas possibilitaram a construção de um espaço educativo dinâmico, dialógico e sensível às necessidades reais dos participantes, promovendo não apenas o desenvolvimento de estratégias de estudo, mas também reflexões profundas sobre o papel do estudante e do educador no processo formativo. Ao favorecer a interação entre diferentes sujeitos — professores em formação, estudantes da educação básica e comunidade escolar —, a experiência permitiu que o conhecimento fosse construído de forma colaborativa e contextualizada, alinhando-se à perspectiva de que a aprendizagem se fortalece no diálogo e na troca de saberes.

O projeto possibilitou uma articulação efetiva entre ensino, pesquisa e extensão, potencializando o protagonismo estudantil e estimulando o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas. A participação ativa da comunidade escolar e o envolvimento nos eventos científicos e culturais, como a Feccult, no Colégio Estadual de Tempo Integral de Catu (Cetic) e a Feira dos Municípios e Mostra de Iniciação Científica (Femmic), no IF Baiano *Campus* Catu, fortaleceram o vínculo entre o Instituto Federal e o território onde está inserido. Essa aproximação contribuiu não apenas para a difusão de saberes acadêmicos, mas também para a valorização da cultura local, promovendo um intercâmbio de conhecimentos que beneficia tanto a comunidade quanto a instituição.

Além disso, a experiência evidenciou a relevância de abordagens que consideram os diferentes estilos de aprendizagem, as estratégias cognitivas e a escuta ativa como elementos centrais para o sucesso escolar. A identificação desses fatores permitiu que as atividades fossem personalizadas e mais significativas, visando ao engajamento e à participação dos estudantes.

O projeto também funcionou como um espaço formativo para os extensionistas, que tiveram a oportunidade de vivenciar todas as etapas do trabalho docente — do planejamento e elaboração de materiais didáticos à mediação e avaliação das ações educativas —,

desenvolvendo competências essenciais para uma prática pedagógica crítica, reflexiva e comprometida com a transformação social.

Assim, os resultados alcançados demonstram que a extensão universitária, quando construída com base na ética, no diálogo e no respeito à realidade dos sujeitos, constitui-se como um potente instrumento de formação, tanto para estudantes da educação básica quanto para futuros docentes. Essa prática deixa contribuições concretas para os envolvidos e para o meio educacional como um todo, fortalecendo a relação entre teoria e prática e reafirmando o papel social da educação.

Podemos perceber, portanto, que a extensão oferece instrumentos de intervenção e de promoção do diálogo com a comunidade, atuando diretamente frente aos desafios enfrentados pelo contexto escolar. Ao possibilitar a aplicação de conceitos teóricos na vida real, reafirma-se que o conhecimento, quando compartilhado e colocado a serviço da coletividade, é capaz de promover mudanças significativas. Nesse sentido, a experiência vivida no projeto reforça a convicção de que a educação, pautada na escuta, no respeito e na participação ativa, é um caminho eficaz para a construção de uma sociedade mais justa, crítica e inclusiva.

Reiteramos nossos agradecimentos à comunidade escolar do Colégio Cetic, pela acolhida e participação no projeto, ao IF Baiano *Campus* Catu, pelo apoio material e logístico às atividades e à Pró-Reitoria de Extensão do IF Baiano, pela viabilização do projeto através do Programa de Bolsas de Iniciação à Extensão (Pibiex), Edital nº 61/2024 / PROEX / CPPEX / IF BAIANO – PIBIEX Superior.

Referências

ALVES, Ana Raylla; FERREIRA, Daniele Sayuri F. **Manual de organização e técnicas de estudo**. Produto educacional da Dissertação: Hábitos de estudo em curso técnico integrado ao ensino médio: uma proposta para organização de estudos na EPT (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, Campus Boa Vista, 2023.

AMTHOR, Frank. **Neurociência para leigos**. Rio de Janeiro: Alfa Books, 2017.

AUSUBEL, David Paul. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

BOCK, Ana Mercês B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Resultados**. 15 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em: 17 mar. 2024.

BRASIL, Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, Anna Maria P. de. Um ensino fundamentado na estrutura da construção do conhecimento científico. **Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 9, número especial, 2017.

DELIZOICOV, Demétrio. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

COON, Dennis. **Introdução à Psicologia: uma jornada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

FELDER, Richard M.; SILVERMAN, Linda K. Learning and teaching styles in engineering education. **Engineering Education**, v. 78, n. 7, p. 674–681, 1988.

FELDER, Richard M.; SOLOMON, Barbara A. **Learning styles and strategies**, p. 1-4, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015.

OAKLEY, Barbara. **Aprendendo a aprender: técnicas eficazes para aprender mais rápido e ter melhores resultados**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

OAKLEY, Barbara. **Mindshift: break through obstacles to learning and discover your hidden potential**. New York: Tarcher Perigee, 2015.

ROSÁRIO, Pedro; LOUREIRO, Vítor; GOMES, Cátia. Música e aprendizagem: uma revisão sobre seus efeitos no desempenho acadêmico. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 34, n. 1, p. 49–66, 2021.

SCHMITT, Camila da Silva; DOMINGUES, Maria José Carvalho de Souza. Estilos de aprendizagem: um estudo comparativo. **Avaliação**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 361–385, jul. 2016.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.